

Musgos (Bryophyta) do nordeste paraense

Rita de Cássia P. dos Santos

Orientadora: Dra. Regina Célia Lobato

Vigência da bolsa: agosto/00 a julho/01

44

No nordeste do estado do Pará fica a zona bragantina, com treze municípios e uma área de 11.609 Km². No início do século, com a implantação da ferrovia Belém-Brasília, esta área sofreu uma grande ação colonizadora, quando suas florestas primárias foram substituídas por culturas de subsistência, como a mandioca, arroz, milho, feijão, mais extração de madeiras em toras e fabricação de carvão vegetal. Muito do conhecimento da flora ficou perdido com essa devastação, incluindo a biodiversidade das briófitas. Esse grupo de plantas, representado pelas hepáticas, os musgos e antóceros, tem sido pouco estudado na Amazônia, com apenas 3% de suas espécies conhecidas. Este trabalho visa inventariar as espécies de musgos que ocorrem nos diferentes habitats da zona bragantina e o município de Viseu, que lhe faz fronteira, como parte de um projeto maior do Estudo da Brioflora do estado do Pará; registrar os tipos de substratos e ecossistemas onde essas espécies ocorrem. A metodologia consiste na coleta de musgos em todos os municípios dessa região, na identificação taxonômica do material e análise dos dados obtidos. Os resultados apresentados referem-se apenas aos musgos coletados nos municípios de Bragança, Peixe-Boi, Viseu e Augusto Corrêa. Foram identificadas 79 espécies de briófitas, distribuídas em 48 gêneros e 30 famílias. Calymperaceae, Sematophyllaceae e Hypnaceae, destacaram-se em diversidade de espécies e número de ocorrências. *Henicodium geniculatum* (Mitt.) Buck. e *Zelometeorium patulum* (Hedw.) Manuel, são as espécies mais abundantes. *Fissidens ornatus* Hez., *Papillaria nigrescens* (Hedw.) Jaeg., *Octoblepharum erectifolium* Mitt., são novas ocorrências para o estado do Pará. Ocorre maior diversidade nas matas primárias, indicando que a substituição delas por vegetação secundária, resulta no empobrecimento das espécies.